

## **Entre Macabéa e o seu oposto: uma reflexão a respeito da masculinidade em *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector**

*Between Macabéa and her opposite: a reflection on masculinity in A hora da estrela (1977), by Clarice Lispector*

Bruna Silva Ramos

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

[brunasilvaramos@gmail.com](mailto:brunasilvaramos@gmail.com)

<https://orcid.org/0009-0009-5071-9914>

### **RESUMO**

O presente artigo centraliza a presença do masculino na novela *A Hora da Estrela* (1977), de Clarice Lispector. Ao observar-se que o narrador é um escritor, Rodrigo S. M., que se defronta com o mistério de Macabéa e tenta descrevê-lo, parte-se do olhar do masculino para o feminino. A partir disso, o objetivo será descrever como se dão as interações das personagens masculinas com a protagonista Macabéa, considerando entre elas, o narrador-personagem. Para isso, lança-se mão da teoria de performance de gênero, de Judith Butler, das teorias de Stuart Hall sobre a identidade e de alguns conceitos de Bourdieu acerca da masculinidade. Como resultado, demonstra-se que a os estereótipos de gênero estão imbricadas nas relações de Macabéa com o Outro.

**Palavras-chave:** A Hora da Estrela; Teoria de gênero; Masculinidade.

### **ABSTRACT**

This article focuses on the presence of the masculine in the novel *A Hora da Estrela* (1977), by Clarice Lispector. Considering that the narrator is a writer, Rodrigo S. M., facing the mystery of Macabéa and attempting to describe it, the perspective starts from the male gaze towards the female. The objective is to describe how the interactions of male characters in the narrative unfold, considering the narrator and the protagonist Macabéa. To achieve this, the article draws on Judith Butler's gender performance theory, Stuart Hall's theories on identity and some concepts of Bourdieu regarding masculinity. Ultimately, the results demonstrate that stereotypes become intertwined in Macabéa's relationships with the Other.

**Keywords:** a Hora da Estrela; Gender theory; Masculinity.

## INTRODUÇÃO

Um dos temas fulcrais para as discussões temáticas da Literatura hoje perpassa o tema da identidade. A identidade nos estudos pós-modernos e contemporâneos ganha contornos únicos diante da multiplicidade de elementos que a transpassam. Dentro dessas novas conceituações, justamente em função dessa multiplicidade, a identidade do sujeito é vista como complexa e fragmentária, sendo perpassada por uma série de fatores determinantes e distintos, como raça, etnia, nacionalidade, classe social, sexualidade e gênero. Não há a concepção de um *eu monolítico*, mas sim de um *eu* cuja formação identitária é plural. Desse modo, a identidade permanece sempre não determinada e enviesada por uma profusão de fatores a partir dos quais se constitui de forma conflitante, de maneira que a todo momento é capaz de reinventar e confrontar a si mesma.

Conforme aponta Stuart Hall, em seu livro *A identidade cultural da pós-modernidade*:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’ (Hall, 2006, p. 13).

Neste artigo, pretendemos estender a discussão a respeito da identidade e do aspecto do gênero como um dos elementos centralizadores para a novela brasileira *A Hora da Estrela*, escrita por Clarice Lispector, em que a identidade surge como um tema central que deve ser investigado. Entender quem se é e o que se deseja, o que é o indivíduo para além do seu nome, da sua função social, das suas crenças e até dos seus conhecimentos parece ser um dos motes propostos na narrativa.

Essa novela torna-se particularmente interessante para pensar o tema quando se tem no horizonte o seu contexto de produção: publicada inicialmente em 1977, *A Hora da Estrela* surge no universo literário durante a ditadura militar brasileira, que perdurou de 1964 a 1985. Esse era um momento de profunda repressão política, censura e restrição das liberdades civis, no qual as mulheres possuíam um papel social bastante limitado pelas ideias conservadoras que vigoravam na época, o de donas do lar, mães e esposas. Como é perceptível na história literária de outros países que também vivenciaram

ditaduras militares, tanto na América Latina quanto na Europa, esse tipo de situação política gera reações por parte das mulheres, o que se manifesta diretamente no fazer artístico, no que mais interessa a esta discussão, das escritoras.

Sendo mulheres e sofrendo diretamente com as retaliações sociais que acabam por se intensificar em governos autoritários, durante esses períodos, as produções literárias das mulheres priorizam a voz feminina, então silenciada. As autoras propunham como resposta protagonistas e narradoras com vozes marcadamente femininas, apresentando uma literatura subjetiva, intimista, que retrata a riqueza interior da vivência das mulheres, em contrapartida com a sua reduzida atuação na vida exterior. Em tais narrativas, não é incomum a vida doméstica e íntima das personagens possuir centralidade temática e ser narrada com riqueza de detalhes que leva à sinestesia. Além disso, a prosa poética, a quebra da linearidade episódica, o monólogo interior, a exploração de novas formas de narrar, são exemplos de como a escrita feminina buscava sobrepujar a lógica vigente do narrar, tida como masculina, criando uma linguagem própria de comunicação.

Clarice Lispector é justamente conhecida por explorar em seus textos todos esses elementos próprios da subjetividade, como a introspecção, a riqueza da interioridade e a complexidade da identidade humana. Em meio a um ambiente autoritário, explorar a intangibilidade e a individualidade configurava-se como uma forma pronunciada de resistência através da arte, uma vez que esse tema permitia que ela, enquanto escritora, alcançasse seus leitores e os auxiliasse a escapar das limitações impostas pelo Estado, facilitando a discussão de temas que poderiam ser malogrados aos interesses políticos de sublimação.

A autora brasileira, que viria a ser lembrada por sua prosa íntima, intuitiva e ritmada pelo fluxo de consciência, está profundamente associada à escrita feminina, embora nunca tenha sido diretamente envolvida ou relacionada com o movimento feminista. No entanto, não raro se atribui a ela um feminismo implícito, visto que suas obras abordam questões relacionadas à condição feminina, à identidade da mulher e à sua busca por liberdade.

Curiosamente, na sua novela *A Hora da Estrela*, Lispector se destaca por seguir um caminho oposto ao que era feito, predominantemente, em outras narrativas de autoria feminina da época. Clarice opta por narrar a história da empobrecida Macabéa através de uma voz masculina – o narrador escritor, Rodrigo S.M. Tal escolha, embora possa parecer

paradoxal à primeira vista, revela nuances intrigantes sobre sua abordagem narrativa e sua relação com as questões de gênero e identidade na literatura.

A partir do exposto, este artigo propõe uma indagação a respeito desse subterfúgio utilizado por Clarice Lispector para constituir a identidade da protagonista feminina, Macabéa, que será narrada pelo olhar do masculino, além de ser confrontada pelo gênero oposto a todo momento, estabelecendo assim uma delicada relação entre identidade, gênero e confronto. Dessa forma, o objetivo deste artigo será compreender de que maneiras estão destacadas as questões de gênero, especialmente a partir das interações das personagens masculinas, incluindo aí o narrador com a protagonista, em uma busca pela compreensão das concepções de feminino projetadas pelo olhar masculino e como se concretiza uma discussão a respeito da identidade. Para tanto, será importante considerar algumas teorias de gênero que serão norteadoras dessa discussão.

A primeira delas será a teoria de *performance de gênero*, traçada por Judith Butler (2019), na qual o gênero, seja ele masculino ou feminino, existe somente através da repetição sistemática de determinados atos de performance (ou atos performativos, dependendo da tradução, associado exatamente à ideia da performance teatral) que ditam as diferenças de conduta entre homens e mulheres e que, embora se façam entender como naturais e intrínsecos, são historicamente mutáveis. A discussão proposta por Bourdieu (2012) em seu livro *A Dominação Masculina*, também será importante para estabelecer o que se entende por masculino, bem como o centralizador conceito de *virilidade* como um ato determinante desse gênero.

Ambos os autores, a despeito de suas diferenças, acabam por concordar no fato de que a construção dos gêneros se dá por contraposição; sua existência se alimenta por meio de uma dinâmica binária que permeia diversas esferas da cognição humana e que consiste em uma repetição metódica de certas emulações e comportamentos. Essa concepção, baseada em oposições, revela a fragilidade das duas categorias (homem e mulher) que se definem pela ausência ou presença de características específicas, sempre interagindo em oposição.

Ao considerar as diferenças sexuais sob uma perspectiva biológica e psicanalítica, percebe-se uma resignação diante da complexidade da identidade humana, que é, por natureza, polissêmica e dependente de inúmeros fatores externos e internos.

## **O GÊNERO MASCULINO E A IDENTIDADE: MACABÉA E SEU CONTATO COM O OUTRO**

Em *A Hora da Estrela*, tem-se um enredo simples em que o narrador relata suas percepções e preconceções sobre Macabéa, uma jovem mulher nordestina que se muda do interior de Alagoas para residir na capital do Rio de Janeiro. A jovem datilógrafa possui uma perspectiva simples sobre sua própria vida, sem ambições, aflições ou grandes dilemas. A moça é descrita por Rodrigo S.M. como feia, sem graça, descuidada, doente e alheia à sua própria situação de miséria e subsistência. Pode-se inferir que Macabéa não vive, mas apenas sobrevive, dado que, conforme mencionado pelo narrador, "A vida é um luxo" (Lispector, 1998, paginação irregular).

Macabéa é apresentada ao leitor através de interpretações e divagações de Rodrigo. Mediante sua intervenção dele da busca para compreender quem era a moça nordestina, esse mistério que cruzou seu caminho, são desveladas de maneira sensível e profunda as dimensões complexas e contrastantes que existem na singeleza e na alienação dessa personagem tão devastadora.

A fome e a pobreza de Macabéa tornam-se a do leitor, assim como a curiosidade mórbida de Rodrigo S.M., que vai contaminando a atmosfera narrativa. Através da história, fluem discussões sobre temas relevantes que se enquadram nas inquietações contemporâneas, especialmente no que tange à identidade e às interrelações sociais e de gênero.

Rodrigo S.M. não se materializa como uma personagem que participa ativamente da ação narrativa, mas como a voz masculina que Clarice Lispector escolhe para encobrir a sua, para simular a estereotipada visão sobre a objetividade analítica do homem que pensa sobre a presença feminina, do burguês acomodado que até então nunca se vira inquieto diante da triste solidão da pobreza. Ao adotar essa estratégia, Clarice propõe um distanciamento do olhar costumeiramente intimista do texto e estabelece um distanciamento irônico que denota o preconceito de gênero e de classe:

[...] todas as escolhas da autora para compor essa personagem são feitas com base em sua história de vida pessoal. Assim, Rodrigo é escritor e tem que lidar com uma personagem que vem do Nordeste para o Rio de Janeiro, portanto, a mesma profissão e trajetória de Clarice. Por outro lado, como a escritora, vive o dilema de ter que lidar com as transformações por que passam as narrativas

contemporâneas e com a situação de classe que os escritores vivem em um país que não valoriza os produtores de cultura. Além disso, tem de enfrentar as dificuldades de interação, próprias das diferenças de classe (Souza, 2006, p. 101).

Sobre a sua identidade de nordestino, Rodrigo S.M. a declara muito rapidamente, no início da narrativa, e não mais a explora de forma significativa, distanciando-se após isso do seu objeto de observação:

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe (Lispector, 1998, paginação irregular).

A partir disso, ele marca uma espécie de aproximação com Macabéa, um ponto fulcral de semelhança que se esgota rapidamente, substituído por um distanciamento afetivo em relação à moça. O narrador expressa ainda a mesma inquietação a respeito de si mesmo, questionando o próprio papel no enredo, a sua função e o seu possível destino. A indagação sobre quem se é, de fato, torna-se uma constante para ele, que tenta desvendar a ambos por meio de seus recursos artísticos. Ele tenta expressar em palavras a natureza das suas desordens:

A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? (Lispector, 1998, paginação irregular).

Rodrigo S.M. incorpora, de certa maneira, o olhar do masculino sobre o feminino, do burguês em relação ao pobre, do local em função do imigrante, estabelecendo com a protagonista feminina uma clara relação do *Eu* com o *Outro* “Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia”. (Lispector, 1998, paginação irregular).

Em diversos momentos, o seu olhar decai sobre Macabéa com desdém e superioridade e o sentimento de empatia é muitas vezes esvaziado quando vai se referir a ela “Bem, é verdade que também eu não tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio” (Lispector, 1998, paginação irregular). No

fragmento a seguir, tem-se um exemplo evidente do distanciamento que só é comprometido no relance em que o narrador se enxerga como igual. Quando Macabéa morre, ao desfecho da narrativa, o escritor Rodrigo S.M. declara, apressado:

E agora — agora só me resta acender um cigarro e ir para casa. Meu Deus, só agora me lembrei que a gente morre.  
Mas — mas eu também?!  
Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.  
Sim (Lispector, 1998, paginação irregular).

O que Rodrigo não sabe sobre a moça, sugere-se de forma implícita que ele se deixa levar pela imaginação e cria ele mesmo, ao fantasiar, o que poderia ter acontecido com ela. Rodrigo S.M. afirma, em determinado momento: “Aliás, descubro eu agora, eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas” (Lispector, 1998, paginação irregular). Desse modo, Clarice Lispector, que é quem de fato está por traz da narrativa, acaba fazendo uma provocação sobre o olhar do masculino sobre o feminino: ao que parece, a mulher, cumprindo com o esperado ato performativo do Gênero, como sugere a teoria de Butler, haveria de cobrir de sentimentalismo a narrativa. Logo, ao fazer do seu ato narrativo uma proposta similar a um estudo humano objetivo, Clarice adota a visão do masculino, do homem, porque é desse sujeito que socialmente se espera a objetividade, o cientificismo, mas que, no entanto, ela como mulher também é capaz de oferecer. E assim a autora tece o homem e, concomitantemente, tece Macabéa.

Macabéa será descrita nesses confrontos com o narrador como uma moça boba, feia, insípida, beirando a imbecilidade, o que a ele, enquanto homem, causa certo incômodo:

Nunca perdera a fé. (Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce, obediente (Lispector, 1998, paginação irregular).

Há, ainda, uma preocupação notável, até pujante, com a sexualidade de Macabéa e com o modo como ela se relaciona com seu próprio corpo e com o desejo pelo outro. A protagonista tem sua própria sexualidade negligenciada, mergulhada em vergonha e culpa,

em parte por sua aparência e em parte pela sua vivência marcada por uma educação rigorosa e castigadora que recebe da tia, “Não há dúvida que ela é uma pessoa física. E adianta um fato: trata-se de uma moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. Vergonha por pudor ou por ser feia?” (Lispector, 1998, paginação irregular). A performance e a disparidade de gênero, bem como a forma como isso afeta a identidade do sujeito se manifesta ainda na forma como Rodrigo S.M. opta por descrever a infância de Macabéa, criada de forma violenta pela tia para ser ‘moça direita’.

Ela assume, na visão do narrador, uma aparência pretensamente assexuada – nega-se o direito de ser sexuada porque é feia – apesar de sua própria heterossexualidade que se manifesta na atração que sente por um belo rapaz em um bar e pelo forte desejo que possui pelo namorado, Olímpico, com quem vive um relacionamento com diversos indícios de abuso. O foco muitas vezes recai sobre os seus atributos físicos (ou a ausência deles) e por fim, o não ter direito a um exercício de vida sexual acaba sendo inclusive incutido na afirmação sobre sua fertilidade, ou melhor dizendo, na falta dela: “Embora os seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão.” (Lispector, 1998, paginação irregular).

Nas relações de gênero travadas pela protagonista, a violência do tratamento que ela recebe enquanto mulher se manifesta ainda nas interações com outras duas personagens masculinas que aparecem brevemente, mas que se colocam como figuras de poder e autoridade: o patrão e o médico.

Seu empregador, o Sr. Raimundo, valoriza muito mais a outra funcionária, Glória, tanto pela atuação assertiva no trabalho quanto pela sua aparência, considerada mais feminina e agradável. Esse último aspecto torna-se enfatizado em outros momentos da narrativa, quando Olímpico encerra seu relacionamento amoroso com Macabéa, iniciando um novo relacionamento com Glória, por considerá-la mais atraente.

Sobre o tratamento parcial do Sr. Raimundo, fundamentado nessa divisão entre as duas mulheres (uma considerada atraente e ‘carioca da gema’, e outra que é feia e imigrante), enfatiza-se ainda a violência com que dirige a palavra a Macabéa, como se essa o provocasse justamente por sua aparência:

Os fatos são sonoros mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona). Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na

datilografia, além de sujar invariavelmente o papel (Lispector, 1998, paginação irregular).

Como visto no fragmento, a impressão masculina sobre Macabéa é que sua aparência (de tola, feia) pedia “tapa”, além da ideia de agressão que se enfatiza na repetição da palavra brutalidade, como recurso para intensificação da desumanidade e da violência para com a personagem.

No que tange à interação com o médico, Macabéa precisa enfrentar mais uma figura que na sua percepção pode ser entendida como uma autoridade. O termo “explosão”, que está presente na interação com o patrão, aparece também nesse confronto “[...] recebendo o salário, teve a audácia de pela primeira vez na vida (explosão) procurar o médico barato indicado por Glória” (Lispector, 1998, paginação irregular).

Diante da situação de fragilidade física e vulnerabilidade social da moça, o médico a acusa de fazer dieta e lhe recomenda que coma espaguete à italiana. Associar o que ele sabia ser a falta de recursos para manter uma alimentação digna com o hábito encarado como tipicamente feminino de fazer dietas, perpetua novamente a violência contra a protagonista. Diante de toda violência, Macabéa reforça com sua atitude ainda outro aspecto esperado da performance feminina, a docilidade “Ela nada entendeu mas pensou que o médico esperava que ela sorrisse. Então sorriu” (Lispector, 1998, paginação irregular).

Por fim, um dos embates mais marcantes de Macabéa com o sexo oposto se dá em seu namoro com Olímpico. A violência que ela sofre nesse relacionamento é mais um indicativo de opressão e da disparidade entre os gêneros. Ela e Olímpico possuem vários descritores sociais em comum: são ambos nordestinos, operários, pobres, marginalizados e escanteados; no entanto, ele, por se identificar como homem e superior, sempre encara a si mesmo como superior a ela e age de acordo com a sua crença, humilhando-a pela sua aparência e pelos seus poucos interesses, ignorando suas falas e a silenciando inúmeras vezes.

O narrador, Rodrigo S. M., por vezes, recupera o ponto de vista machista de Olímpico com afirmações do tipo “Macabéa era na verdade uma figura medieval enquanto Olímpico de Jesus se julgava peça-chave, dessas que abrem qualquer porta. Macabéa simplesmente não era técnica, ela era só ela” ou, referindo-se a Olímpico “Era mais passível de salvação que Macabéa pois não fora à toa que matara um homem,

desafeto seu, nos cafundós do sertão, o canivete comprido entrando mole-mole no fígado do sertanejo” (Lispector, 1998, paginação irregular).

Cumprindo com as expectativas de performance masculina, Olímpico venera algumas características próprias da idealização do gênero, como a força e a violência: “Uma coisa que tinha vontade de ser era toureiro. Uma vez fora ao cinema e estremeceu da cabeça aos pés quando vira a capa vermelha” (Lispector, 1998, paginação irregular).

Sobre essa personagem masculina recaem alguns estereótipos e valorizações tidas como típicas do homem nordestino, como já mencionado. A violência manifestada e confundida com atos de coragem somadas ao desejo de ser bem-sucedido financeiramente são características que marcam a identidade de Olímpico e que estão arraigadas também a questões de gênero, conforme a citação abaixo:

No Nordeste tinha juntado salários e salários para arrancar um canino perfeito e trocá-lo por um dente de ouro faiscante. Este dente lhe dava posição na vida. Aliás, matar tinha feito dele homem com letra maiúscula. Olímpico não tinha vergonha, era o que se chamava no Nordeste de “cabra safado” [...] (Lispector, 1998, paginação irregular).

Nesse contexto, pode-se afirmar que existe um apelo à virilidade, que conforme apresenta Bourdieu (2012), é um dos conceitos mais caros ao masculino, talvez o mais determinante. Por meio do conceito de virilidade são medidas as ações do homem, especialmente diante de suas relações sociais. Cabe ao homem ser sempre o agente ativo nas suas decisões, ações e pulsões sexuais, o que perpetua a identidade masculina idealizada e mantém a oposição marcada de características físicas e psicológicas com o feminino, algo que consiste na negação e na consequente aversão de tudo aquilo relacionado simbolicamente à esfera do feminino.

A virilidade, em seu aspecto ético mesmo, isto é, enquanto quiddidade do *vir*, *virtus*, questão de honra (nif), princípio da conservação e do aumento da honra, mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através, sobretudo, das provas de potência sexual — defloração da noiva, progenitura masculina abundante etc. — que são esperadas de um homem que seja realmente um homem (Bourdieu, 2012, p. 20).

Além disso, a virilidade torna-se uma característica que acima de tudo necessita da aprovação de outros homens, conforme aponta Bourdieu (2012), sendo assim, ela se transforma em uma moral que é perpetuada em grupo, na qual os meninos, mesmo jovens,

precisam constantemente provar a si mesmos e aos demais que são guiados por esses princípios. Isso determinará as suas crenças, comportamentos, atitudes e escolhas, desde as mais simples, como se vestir, andar e em que tom falar, até as mais complexas, como que carreira escolher, como coordenar sua vida pessoal, sexual e amorosa etc.

Com isso, o comportamento de Olímpico torna-se assumidamente marcado pela performance de gênero tradicional masculina e estereótipo do nordestino como “cabra macho” ou “homem com H maiúsculo”, em associação com uma conduta tida como “viril”. Nas suas interações com Macabéa, ele prioriza a sua demonstração de força e pretensa superioridade intelectual através da manutenção da aparência de virilidade, temendo a todo momento expressar o contrário:

- Você sabia que na Rádio Relógio disseram que um homem escreveu um livro chamado “Alice no País das Maravilhas” e que era também um matemático? Falaram também em “álgebra”. O que é que quer dizer “álgebra”?
- Saber disso é coisa de fresco, de homem que vira mulher. Desculpe a palavra de eu ter dito fresco porque isso é palavrão para moça direita (Lispector, 1998, paginação irregular).

Isso o leva a esconder alguns aspectos de sua identidade sincera, justamente pela sua obrigação em performar, como afirma Butler (2019), realmente como quem atua em um teatro, as ações esperadas e perpetuadas como corretas para sustentar a atividade do homem e o seu papel nos confrontos de gênero. Olímpico, por exemplo, possui aptidões artísticas que mantém escondidas dos demais e que não atribui a si mesmo como parte de sua identidade:

- Mas não sabia que era um artista: nas horas de folga esculpia figuras de santo e eram tão bonitas que ele não as vendia. Todos os detalhes ele punha e, sem faltar ao respeito, esculpia tudo do Menino Jesus. Ele achava que o que é, é mesmo, e Cristo tinha sido além de santo um homem como ele, embora sem dente de ouro (Lispector, 1998, paginação irregular).

Além disso, ele costumava frequentar velórios, como um segredo seu; para além do fascínio possível que a morte lhe causava, há ainda que se pensar que nessas ocasiões fúnebres é dado ao homem o direito de chorar (expressar-se livremente no seu lado humano e sentimental):

- Guardava disso segredo absoluto, o que lhe dava a força que um segredo dá. Olímpico era macho de briga. Mas fraquejava em relação a enterros: às vezes

ia, três vezes por semana a enterro de desconhecidos, cujos anúncios saíam nos jornais e sobretudo no O dia: e seus olhos ficavam cheios de lágrimas (Lispector, 1998, paginação irregular).

Recuperando o modo como o narrador, Rodrigo S. M., observa a pretensa força de Olímpico em relação à Macabéa, ele prioriza a perspectiva desse personagem sobre si mesmo ao afirmar que era um homem com “honra lavada” pelos seus atos que infringiam a Lei. Enfatiza ainda o talento para outra atividade artística que essa personagem praticava, sem o encarar talvez como uma forma de arte:

Olímpico pelo menos roubava sempre que podia e até do vigia de obras onde era sua dormida. Ter matado e roubar faziam com que ele não fosse um simples acontecido qualquer, davam-lhe uma categoria, faziam dele um homem com honra até lavada. Ele também se salvava mais do que Macabéa porque tinha grande talento para desenhar rapidamente perfeitas caricaturas ridículas dos retratos de poderosos nos jornais. Era a sua vingança (Lispector, 1998, paginação irregular).

Por fim, o enlace de Olímpico com Macabéa não dura muito tempo. A moça é substituída por Glória (tal qual foi no emprego), que entrega uma performance feminina menos desconcertante do que a da protagonista. Através da perspectiva de Macabéa, privilegiada pelo narrador na passagem abaixo, percebe-se que, a despeito do interesse de Olímpico em Glória porque essa “[...] pertence ao ambicionado clã do sul do país” (Lispector, 1998, paginação irregular) e por ter o pai trabalhando como açougueiro, teria sentido algo por ela:

[...] desmanchou de repente o namoro entre Olímpico e Macabéa. Namoro talvez esquisito mas pelo menos parente de algum amor pálido. Ele avisou-lhe que encontrara outra moça é que esta era Glória. (Explosão) Macabéa bem viu o que aconteceu com Olímpico e Glória: os olhos de ambos se haviam beijado (Lispector, 1998, paginação irregular).

Tem-se novamente o termo “explosão” entre parênteses, denotando a violência e a emoção repentina da protagonista que permanece sempre no íntimo, velada e escondida, nos seus (não)confrontos com a figura masculina. Ela aceita calada a dor dessas interações, a despeito de toda a surpresa que poderia ser sentida, e não esboça nenhum sentimento ou nenhuma reação. Isso desconcerta sobremaneira o narrador e até o leitor que acompanha os conflitos em que figura o gênero com uma provável expectativa de que haverá alguma rebeldia nas respostas de Macabéa, algum sinal de sobressalto, mas

não há nem poderia haver: Macabéa representa toda uma resignação diante da violência da vida.

É Rodrigo S.M que estabelece as explosões nesse contexto de sua (pretensa) escrita. É ele quem observa e relata onde haveria os sobressaltos para personagem, como que para a sacudir de sua realidade. Mas não é o que ocorre. Clarice Lispector mantém até o fim da narrativa esse distanciamento no olhar de Rodrigo S.M, preservando como um segredo a interioridade da protagonista, como uma estratégia disruptiva de sua poética dominante.

## CONCLUSÃO

A discussão apresentada neste artigo evidencia o quão relevante a identidade se apresenta na narrativa de Clarice Lispector em sua novela *A Hora da Estrela*. A temática da identidade se manifesta, como indicado nas passagens escolhidas para título de exemplo neste artigo, em vários fatores, especialmente através das interações entre as personagens, permeadas pelos conceitos de performance de gênero, tanto em seus relacionamentos interpessoais quanto em sua interação com o ambiente circundante. Isso se revela também nas suas lutas internas, visto que as características identitárias, conforme destacado pela teoria de Hall (2006), são muitas vezes conflitantes e contraditórias, atuando para a constituição da identidade complexa e dinâmica dessas personagens.

Diante disso, as interações, aspecto de extrema relevância na figuração, atuam diretamente para que as personagens se estabeleçam como entidades críveis dentro da narrativa. Através desse panteão de personagens tão simbolicamente diferentes, a autora explorou alguns estereótipos para enriquecer a sua composição, transformando certezas em dúvidas e identidades monolíticas em personalidades multifacetadas. Apesar de Macabéa, Olímpico e Rodrigo S.M manterem em certos momentos, posturas absurdas, com suas características predominantes levadas ao último grau, como a passividade, o egocentrismo e o distanciamento emocional, tornam-se figuras profundamente relacionais ao leitor, dignas de empatia e afeto.

Em suma, ao pensar-se especificamente sobre os objetivos aqui propostos, a obra *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, revela um intrincado panorama sobre a

masculinidade, especificamente na complexidade das identidades delineadas pelas personagens. Rodrigo S.M. torna-se o emulador e o enunciador de um sofrimento ímpar e dá voz a uma percepção única da realidade em sua observação de Macabéa. Através de seu olhar tem-se uma concepção irônica sobre as relações díspares da sociedade que envolvem, propriamente na narrativa em questão o gênero e a classe.

O embate entre essência e aparência, especialmente evidente em Olímpico, ilustra de forma impactante a teoria de performance de gênero proposta por Judith Butler (2012); o abismo entre as projeções sociais de masculinidade, as expectativas internas e a realidade vivida por Olímpico ressoa como um eco das tensões que moldam as experiências dessa personagem na narrativa. Enquanto Macabéa, de maneira resignada, parece distante dessas convulsões identitárias, não manifestando suas dores, mantendo-as, talvez, escondidas, a interação entre os personagens revela a participação ativa das noções estereotipadas de gênero na construção de sua personalidade. Com isso, a obra provoca uma indagação sobre a dicotomia entre masculino e feminino, convidando o leitor a contemplar a riqueza e a ambiguidade das identidades moldadas nessas interações e conflitos tipicamente intrínsecos às personagens de Lispector.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. São Paulo: Rocco, 1998. *Ebook*.

SOUZA, Ana Aparecida Arguello de. *O Humanismo em Clarice Lispector: um estudo do se social em A hora da estrela*. São Paulo: Limiar, 2006.

Recebido em: 11/04/2024

Aceito em: 27/06/2024

**Bruna Silva Ramos:** formou-se bacharel em Letras Português e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2021. Ingressou no Programa de Pós-graduação em Letras – Literatura, Cultura e Interdisciplinaridade na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2023 como mestranda. É integrante do grupo de estudos narrativos GEN, vinculado à UFSM, coordenado pela prof.<sup>a</sup> Raquel Trentin. Também integra o grupo Estudos da Personagem, vinculado à PUC-Goiás, coordenado pela prof.<sup>a</sup> Elizete Ferreira. Recentemente, tornou-se participante do Grupo Eça, coordenado pelo prof. Helder Garmes (USP). Sua pesquisa de mestrado versa sobre a figuração da masculinidade no romance *Os Maias*, de Eça de Queirós. Interessa-se por questões de gênero, estudos da personagem, literatura oitocentista, adaptação cinematográfica e, nas horas vagas, é ávida leitora de livros de fantasia.